

Os motivos da **GUERRA DE 1870**

Pelo Ten.-Cel.

LIMA FIGUEIRÊDO

Pode um simples noivado provocar uma guerra? Tudo é possível, quando se acirram os ódios entre dois homens ou entre dois povos. Foi o que aconteceu na guerra de 1870 entre a França heróica e a Alemanha, que surgia fortemente modelada das mãos hábeis de Bismarck. O pretexto foi um casamento, como poderia ter sido outra coisa menos grave na vida de um homem.

Como a primeira, a segunda república guindou ao poder governamental da França um Bonaparte. Ainda não se tinha de todo apagado da lembrança dos francêses a fama das vitórias retumbantes do famoso corso, e um halo cintilante circundava o coração do povo, onde o semblante de Napoleão I estava guardado para sempre. Tudo que recordasse os feitos do vencedor de Austerlitz era aceito com um carinho especial e toda idéia que se abrigasse sob essa bandeira sagrada era aprioristicamente vitoriosa. Abrigado pelos louros conquistados pelo tio, Luiz Bonaparte concorreu ao sufrágio que deveria elevá-lo ao poder, e, por maioria berrante, foi eleito presidente da República. Assim que sentiu nas mãos o leme dos destinos da França, bafejado pela simpatia do povo, zombou da tormenta desencadeada pelos elementos da opposição e, como fizera seu bravo ancestral, coroou-se imperador com o nome de Napoleão III, jogando por terra, mais uma vez, a república que, de modo tão sangrento, fôra inaugurada com a morte de Luiz XIV e de sua encantadora espôsa. O segundo império trouxe á França dias de felicidades. O novo monarca desenvolveu um plano monumental, que abrangia todos os ramos do progresso. As medidas adotadas para a restauração das finanças depressa deram frutos opimos; as indústrias cresceram facilitando lucros compensadores e em qualquer recanto do território se viam obras que atestavam a ação do govêrno em bem do povo. Contudo, nas veias do poderoso e inteligente monarca circulava o sangue de Napoleão Bonaparte, por hereditariedade, e êle sentia a necessidade da guerra com todos os seus horrores, com tôdas as suas desgraças e tormentas. Após haver desenvolvido ao apogeu as fontes de riqueza e destruído os vícios que gangrenavam as fôrças vitais da nação, a ação do administrador arrefeceu e surgiu, em tôda a plenitude, a vontade de

lutar do guerreiro. A França deveria ser ouvida na decisão das pendências entre os outros povos.

Primeiramente foi a Rússia a escalada para experimentar os pendores guerreiros de Napoleão III: as hostes do pavilhão tricolor lutaram e venceram em Criméa. Em seguida, aliando-se á Inglaterra, moveu guerra á China, arrombando, de uma vez por tôdas, as portas daquela grande nação ás avassalantes pretensões estrangeiras. Não parou á a ação externa do monarca francês: abateu a Áustria na campanha da Itália e enviou ao país dos Aztecas uma expedição para sustentar no poder o imperador Maximiliano.

Enquanto Napoleão III, nesse notável afan, construía o edificio de sua glória, nas terras que se avizinhavam com a França na direção em que o sol nasce, um outro homem sonhava, quotidianamente, com a Alemanha na "liderança" das nações — Bismarck. Esse notável chancellor pode ser apontado, sem receio de êrro, como o campeão da diplomacia, a-pesar do seu gênio irascível, de ser pouco comunicativo, quasi intratável. No taboleiro das negociações diplomáticas era um mestre. Movia as pedras ao seu bel-prazer. Chamou a si a empreitada de unificar o império alemão e, com tenacidade inaudita, vencendo as resistências oferecidas, muitas vezes, pelo próprio Guilherme I, levou adiante tudo que maquinára em bem da Pátria. No sul da península que se tornou famosa na guerra mundial — a Jutlândia — havia alguns ducados habitados por povo de raça germânica. Bismarck, na execução do seu plano unionista, resolveu anexá-lo á Prússia, e para isto obteve a aliança da Áustria para mover guerra á Dinamarca. Vencida esta última, nasceu nova questão — a Áustria passou a administrar o ducado de Holstein. Era mistér esmagar a Áustria, não só para tirar-lhe êsse privilégio, como obter dos ducados germânicos do sul que orientassem suas vistas para a Prússia. Para isso procurou resolver a questão com tôda a segurança — com a amizade de Napoleão III e do czar Alexandre II, da Rússia, conseguida quando, em missão diplomática, estivera em contacto com êsses monarcas, obtendo a certeza de que a Áustria não contaria com aliados. Estalada a guerra austro-prussiana, sob pretexto de que a Prússia queria intervir no ducado dinamarquês conferido á Áustria, as fôrças de ambos os países se movimentaram para a refrega. O choque principal se deu em Sadowa, onde os exércitos prussianos viram suas armas vitoriosas. Com êsse grande feito d'armas, Bismarck alinhavou o seu vasto plano de unificação, aniquilou a hegemonia da Áustria e anexou os ducados de Francfort, Hesse, Nassau e Hannover. Todavia, o castelo das suas aspirações não estava de todo edificado. Desgostoso com a derrota de Sadowa, os Estados da Baviera, Wuttenberg, Hasse e Bade odiavam o poderio prussiano. Bismarck não sabia como ajuntar essas formidáveis pedras para a conclusão da obra iniciada. Foi nessa ocasião que o episódio do casamento, a que nos referimos no início desta crônica, serviu de argamassa para ligar os Estados que ne-

avavam á vontade do hábil diplomata. Napoleão III não se esqueceu de Waterloo. Acompanhando o desenvolvimento que tomava a Alemanha, não viu com bons olhos o noivado de um Hohenzollern com uma princesa espanhola. Seria absurdo consentir que Guilherme I tivesse um filho certo ao sul da França, e com tôda a veemência exigiu que as negociações para o noivado fossem interrompidas.

A pesar de Guilherme I não desejar a guerra e estar disposto a dar as suas satisfações, encontrou por parte de Bismarck, que se unira ao general Moltke, a mais tenaz resistência aos seus propósitos pacifistas. O chanceler desejava a guerra; queria a guerra como uma dádiva do céu. Ela seria o elemento que lhe faltava na formidável reacção química que se preparava em seu cérebro. E por isso lutou desesperadamente contra o ânimo anti-belicoso do monarca, chegando até a pensar em abandonar tudo e exilar-se. Não fosse Napoleão III por demais existente, teria êle ganho uma grandiosa vitória diplomática. O soldado, porém, não se contenta com louros dessa espécie. Deseja os colhidos no campo da pelêja. Louros conquistados com palavras bonitas, com discussões calorosas, com cochichos e intrigas... êsse o soldado não ama: despreza-os.

Havia duas forças num sentido único — Napoleão queria a luta e Bismarck também. A resultante foi a guerra de 1870, que podemos considerar como a precursora do nunca avaliado conflito mundial de 1914. A França não queria a guerra. As arrojadas aventuras do grande Bonaparte haviam-na tornado exáusta. Dêste modo, a mobilização foi lenta sem o fogo sagrado que impulsiona as massas para as causas empolnantes. Pelo contrário, a Prússia mobilizára seu exército como se os homens obedecessem a um comando eléctrico. Dest'arte, logo de início Napoleão III se viu com efetivos insuficientes para realizar o plano que se lhe acára, e que consistia em separar a Prússia dos Estados do sul.

Moltke dividira suas forças em três importantes agrupamentos, jogando-os com impetuosidade contra o Sarre e a Alsácia. Após pequena vantagem dos francezes, os germânicos se adeantam pelo território inimigo e conseguem na batalha de Sedan aprisionar o próprio imperador da França — Napoleão III.

A luta que surgiu de um nada teve consequências catastróficas: o orgulho da nação vencida foi insuflado pelo desfile das tropas alemães sob o Arco do Triunfo, em Paris, e a Alsácia e a Lorena foram anexadas ao grande império alemão que, sob a égide de Guilherme I, foi inaugurado por Bismarck após memorável reunião de todos os príncipes dos ducados germânicos no palácio de Versalhes. A guerra de 70 foi o pequeno vento que se transformou no tufão de 1914. O pretexto foi a insignificância, o resultado incomensurável. Não se deve muitas vezes desprezar a pequenina minúcia... Em certas ocasiões um parvozo mal forjado é a causa do desabamento de uma obra d'arte de aspecto lido e majestoso...